

FMI: Brasil terá de fazer sacrifícios

BRASÍLIA — O acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) não deverá trazer alívio imediato aos brasileiros. O ex-Chefe da Divisão do Atlântico Sul do FMI Thomas Reichmann, que está passando o comando da missão negociadora ao argentino José Fajgenbaum, disse ontem que o Fundo só firma acordos que resultem em melhoria das condições econômicas do País, e isso sempre implica sacrifício.

— Não é fácil fazer programa de ajuste em nenhum país do Mundo — disse Reichmann.

Com o Brasil, o Fundo pretende firmar acordo que resulte em queda da inflação, reconstrução da base de crescimento, equilíbrio das contas externas e melhoria da distribuição de renda. Mas Reichmann reconhece que atingir estas metas no curto prazo exigirá paciência dos brasileiros. Em sua opinião, um acordo com o FMI não significará mais recessão, pois isto dependerá do avanço do setor privado, classificado por ele como o “pólo dinâmico da economia”.

Thomas Reichmann acredita que o acordo do Brasil com os bancos credores para o paga-



Telefoto de Sérgio Marques

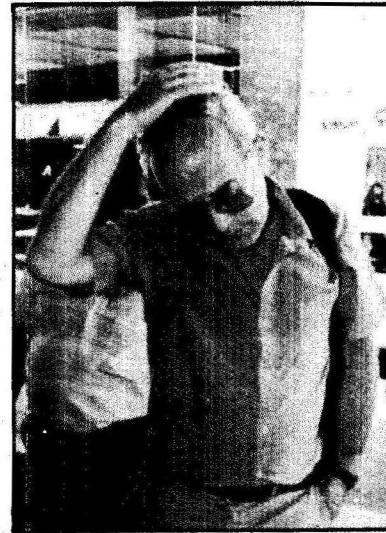
A nova missão do FMI: Henrique de La Piedra, Fajgenbaum, Ize e Bob Traa

mento dos juros atrasados deverá ajudar na elaboração de um entendimento com o FMI, já que isto alivia as contas brasileiras. Foi esta pendência que deixou o País sem um acordo com o Fundo no ano passado pois, segundo Reichmann, não é possível firmar um acordo com uma brecha no balanço de pagamentos.

O novo chefe da missão, José Fajgenbaum, teve ontem seu pri-

meiro encontro com o Presidente do Banco Central, Francisco Gros, a quem entregou uma lista com os nomes das pessoas que pretende entrevistar, para obter dados sobre a economia brasileira. Além de Fajgenbaum, participam da missão os economistas Alain Ize, Jorge Guzman, Enrique de La Piedra e Bob Traa.

Do lado brasileiro, a missão



Telefoto de Sérgio Marques

Reichmann: ajuste sempre é difícil

será formada pelos Secretários Nacionais do Planejamento, Pedro Parente, de Política Econômica, Roberto Macedo, e pelo Diretor da Área Externa do BC, Armínio Fraga. Gros disse que, tão logo termine a fase de coleta de dados, o Brasil deverá sentar-se à mesa com os representantes do Fundo para discutir o acordo, que poderá resultar num empréstimo de US\$ 2 bilhões.